

Nenhum a menos – **Dos princípios educativos na filmografia chinesa!**

Carlos Bauer*

Introdução e breve escopo teórico

A trajetória histórica e a presença da China no concerto das nações são de uma singularidade enigmática sem precedentes no mundo contemporâneo. Das jornadas anti-coloniais, de libertação nacional e revolucionárias dos idos das décadas de 1920, 1930 e 1940, o seu alinhamento político, econômico e militar com a ex-URSS, o papel de Mao Tsé Tung e sua *revolução cultural*, a influência da *Doutrina Truman* e da guerra fria no seu afastamento da ONU, os conflitos permanentes com os EUA, por conta das tensas relações com Formosa e a Coréia, passando também pelo seu inusitado rompimento com os soviéticos, a sua influência na urdidura e consolidação dos países não-alinhados e ditos terceiro-mundistas, até a sua aspiração à condição de potência mundial advinda com a conquista do seu próprio arsenal nuclear e inexorável abertura econômica e política ao ocidente não há uma só temática que se produza no seu solo histórico e social que não desperte a atenção dos analistas em escala mundial.

As revoluções fazem com que a história transcorra de forma vertiginosa e opera transformações que nem mesmo as mais



generosas utopias seriam capazes de prescrever para o futuro das sociedades. Mas, quando falamos da China, também nos interessa interrogar como as condições laborais, culturais, políticas de sua gente tem se desenvolvido na cotidianidade?

Pelas nossas condições de trabalho acadêmico atual um objetivo como esse teria muita dificuldade de ser alcançado, pois envolveria o afastamento de toda e abundante verbosagem apologética e pseudo-crítica das relações sino-mundiais, a consulta sistemática da literatura pertinente ao tema e o mergulho *in loco* nas fontes documentais, inclusive, orais que pudessem substanciar nossos objetivos de analisar as práticas cotidianas desses sujeitos históricos, sobretudo, porque que nos interessa o espaço social da escola, uma vez que suas práticas diárias se realizam no intuito de sobreviverem, subverterem, socializarem e se inserirem em um campo de poder instituído e, ao mesmo tempo, diverso daquele que hegemoniza as relações sociais.

Por isso, lançamos mão da apresentação e análise da película *Nenhum a menos*, cientes de que o filme não ilustra, nem reproduz mecanicamente a realidade das escolas públicas chinesas na contemporaneidade, mas é capaz de reconstruí-la a partir de uma linguagem específica, produto de um determinado instante histórico. Possibilitando, assim, ao historiador da educação e a todos

aqueles que procuram pensar criticamente as questões educacionais elaborar uma série de perguntas e questionamentos que a leitura das imagens deverão lhe proporcionar. (BAUER & DABUL, 2008)

A esse propósito Marc Ferro (1988, 1989 e 1992) observa que o filme produz uma representação do real e sua análise pressupõe considerá-lo como um conjunto no qual cada elemento tem o seu próprio significado, ele possui um texto visual que exige uma análise interna e, como um artefato cultural, possui sua própria historicidade e um contexto social – com suas características e signos de uma época – no qual se desenvolve, residindo aí à complexidade da análise filmica para os historiadores que o toma como uma fonte de estudo de um determinado instante histórico.

O cinema pode ser pensando como uma fonte credível no entendimento das ideologias e mentalidades dos sujeitos históricos.

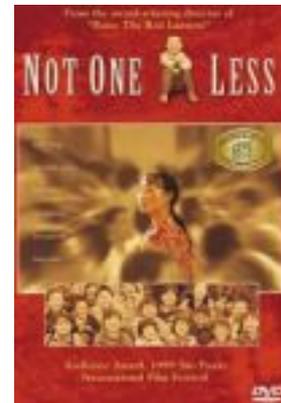
Utilizando-se de filmes podemos buscar evidências que podem contribuir com nossa compreensão de determinados eventos e períodos históricos que estão contidos em sua narrativa, como também a caracterização de determinados personagens, suas idéias, práticas ou ideologias nos possibilitam penetrar nas zonas ideológicas não-visíveis da sociedade, nos permitem perceber até mesmo o que seu realizador não queria mostrar. (FERRO, idem.)

Assim, Zhang Yimou, com o filme *Nenhum a menos* (Yi ge dou bu neng shao, China, 1999) nos oferece uma leitura apurada e imagética sobre o dia a dia e a rotina de trabalho de uma professora tão jovem quanto os seus próprios alunos e, por conta disso, com

sua formação docente incipiente. Mais do que, faz com que os seus dilemas pessoais, a prática cotidiana na sala de aula e o interacionismo social que passa a experimentar aos poucos sejam construídos diante de nossos olhos, com isso nos oferece também um retrato duro da resistência à degradação humana da qual nem sempre temos visibilidade.

Aliás, faz isso sem nenhum tipo rancor ou como uma denuncia barata, mas como uma poética lição de solidariedade, apego e persistência na humanização e dignificação do homem esteja ele onde estiver.

Contando a história do filme – mas sem atrapalhar a disposição de ninguém em assisti-lo



A China é um país milenar com uma

impressionante

população com mais de 1.300.000.000 de habitantes e uma crescente influência econômica no mundo, inclusive, no que se refere ao Brasil, apenas nos últimos anos, as exportações para esse país assistiram a um crescimento impressionante, ultrapassando os 16 bilhões de dólares e ultrapassando os Estados Unidos, em valores de importações de nossos produtos.

Porém quase nunca se fala das suas relações educacionais e muito menos daquelas que se produzem no seu universo rural e as tensões que se estabelecem por conta de sua irresistível industrialização. Com o filme *Nenhum a menos*, de Zhang Yimou, somos brindados com essa oportunidade! A idéia de fazer o filme, segundo o seu

realizador, surgiu das inúmeras peregrinações de Yimou pelos rincões mais afastados e desconhecidos do seu país, registrando as paisagens áridas, desoladas e, o que é pior, o abandono social, identificados em suas lentes pelas crianças que trabalham para colaborar com os seus pais na produção da renda familiar.

São crianças famélicas, dispostas a abandonar a escola e partirem em direção das cidades em busca de trabalho ou, no limite da humilhação e degradação humana, esmolarem por comida que suas apuradas e coloridas imagens nos permitem antever.

O resultado foi um filme de uma simplicidade poética contagiante, uma narrativa própria do trabalho de etnografia de um antropólogo. Yimou o produziu com um grupo de crianças que estava longe de almejar o estrelato cinematográfico, filmadoras de 16 mm, microfones ocultos e uma equipe técnica invisível aos olhos dos improvisados atores mirins e que, portanto, podiam improvisar o tempo todo e muitas vezes nem mesmo sabiam que estavam sendo filmados.

Nenhum a menos também tem um enredo marcado pela candura e a poesia que o cotidiano produz e nem sempre somos capazes de captar, passando despercebido o lirismo que nele se abriga, perdura e desenvolve aquilo que depois chamamos pomposamente de história.

A história que o filme conta traz como sua protagonista Wei Minzhi, contratada para substituir o professor Gao, numa escola desprovida de todo e qualquer recurso – exceto do giz e de um carcomido quadro negro – num ermo e desolado lugarejo do interior da China e suas peripécias para resgatar um dos seus alunos, no caso Zhang, que

havia deixado essa cotidianidade em busca de trabalho na cidade grande e industrializada.

Até aí, nada de se estranhar, principalmente, para nós brasileiros, que estamos acostumados a esse enredo e a discutir as tensões escolares engendradas pela presença do trabalho infantil em praticamente todos os estados do país. Ocorre que nossa professora é uma criança, ela própria também precocemente inserida no trabalho docente.

Sim, Wei Minzhi é apenas menina e também trabalha bastante! Contando aproximadamente treze anos de idade, evidentemente, sem nenhuma experiência profissional, com dificuldades em estabelecer um relacionamento mais profícuo com os seus alunos e a comunidade que a cerca, mas que está pronta para empreender uma verdadeira odisséia para resgatar o seu pupilo do inferno urbano, com suas relações de trabalho precário e do subemprego que a todos impiedosamente devora.



Zhang Yimou filma com delicadeza, sem pieguices ou quaisquer apelos melodramáticos, a impressionante desenvoltura docente e o mergulho intuitivo e altruísta dessa professora e seus alunos numa cotidianidade perversamente banalizada e fadada ao esquecimento.

Mas é preciso resgatar esses personagens do limbo da história! Zhang Yimou tem esse compromisso e, por conta disso, nos oferece uma

portentosa crítica social de caráter universal, francamente comprometido com o cinema neo-realista e o registro das histórias de vida, das vozes, gestos e olhares desses personagens raramente lembrados nos compêndios oficiais, mas que são fundamentais no processo de humanização do homem sob a face da terra.

Nenhum a menos – algumas possibilidades interpretativas e uma brevíssima conclusão.

Na tentativa de operar uma análise do filme *Nenhum a menos*, estabelecendo uma relação com o nosso propósito inicial de conhecer como as práticas laborais, culturais, políticas tem se desenvolvido na cotidianidade, partimos de algumas premissas e categorias históricas que estão presente nas obras de Michel Certeau (2001 e 1994).

Esse autor argumenta que as variadas maneiras de “fabricar” e “reinventar” o cotidiano pelo indivíduo comum é que precisam ser estudadas, a fim de descortinar todo um movimento subterrâneo existente e atuante nas sociedades. A cultura erudita, propriedade da minoria dominante, e a cultura popular, formada por elementos culturais que a primeira abandonou e eliminou do seu círculo, não possuem importância na sua perspectiva de estudo.

Concordamos com Michel Certeau, pois também é preciso estudar as criações dos indivíduos em seu ambiente cotidiano, que são efêmeras e ocultas, mas que se fazem presentes na sociedade, produzindo alternativas de sobrevivência e resistência ante o sistema dominante.

A esse propósito o filme de Zhang Yimou e seus personagens são lapidares.

O professor Gao e as crianças, particularmente, Wei abruptamente transformada em professora. Zhang, de aluno rebelde e briguento à vítima de um sistema povoado de injustiças e contradições, as alunas que nada tem, dormem e se alimentam na escola, aliás, é através do registro no diário que uma delas escreve que ficamos sabendo e, imediatamente, pudéssemos redimensionar a importância e significado do giz como um dos poucos recursos disponíveis na escola. E até mesmo aquela aluna que escapa desses infortúnios, pelas suas qualidades atléticas nos oferece uma gama muito grande de possibilidade interpretativa e registro da história social que está num curso completamente avesso ao que os discursos oficiais proclamam e exaltam.

A análise das práticas cotidianas, segundo Certeau (1994), se realiza de maneira a apresentar que os modelos culturais não determinam as relações sociais, e sim o contrário, se assentando nos indivíduos de forma incoerente e contraditória. Explica-nos o autor que a questão central é descortinar as maneiras de fazer e ser dos indivíduos, e não o indivíduo enquanto sujeito único.

No filme isso fica muito claro quando Zhang abandona a escola parte para a cidade a procura do trabalho que possa sustentá-lo e a sua família. Este é um instante épico e o momento que todos – professora e alunos – parecem tomar o destino em suas próprias mãos.

A compreensão de todos e que Wei precisa resgatar Zhang e para isso todos precisam colaborar na arrecadação de fundos, mesmo que para isso tenham que submeter as agruras do trabalho braçal numa rudimentar olaria. A produção de tijolos por parte das crianças não aparece nem como uma denúncia, nem como uma visão pragmática da necessidade do trabalho

infantil na sociedade, mas como uma estratégia necessária a resistência a evasão escolar que poderia se abater sobre a vida de qualquer um dos que agora se mobilizavam e assumiam sua parte de responsabilidade no resgate do colega.

As práticas cotidianas, segundo Certeau (1994), tais como: falar, escrever, comer, ler, andar, passear, fazer compras, escutar músicas, assistir televisão; se configuram como táticas. Nas maneiras de fazer cotidianas essas táticas podem ser visualizadas na multiplicação dos espaços, antes fechados, como os de uma classe escolar, nos protestos contra o aumento da passagem do transporte público ou, como no caso do filme, os múltiplos e simultâneos aprendizados que os seus protagonistas passam a vivenciar e reconhecer como importantes no exercício de sua sociabilidade. Assim, essas táticas auxiliam na subversão e alteração dos produtos culturais impostos pelo sistema dominante.

Esses procedimentos, que são as maneiras de fazer e de ser dos indivíduos – que também podem ser denominadas de práticas cotidianas – são produtores de espaços sociais, diversos e diversificados, que fogem as determinações sociais estabelecidas pelo poder dominante. Eles, por sua vez, geram lugares únicos e unívocos, despercebidos muitas vezes pelos detentores dos mecanismos impositivos da sociedade, porém, que existem e coexistem no seio social.

E sobre isso, o que me vem à memória, no momento de concluir esse artigo

sobre o filme *Nenhum a menos*, é a imagem das crianças bebendo e repartindo entre si duas ou três latinhas de Coca-cola. Fazem isso de uma maneira tão singela e espontânea que nos faz desejar que os valores da solidariedade humana e da socialização dos frutos do trabalho possam se consagrar como princípios inalienáveis na história da humanidade.

Ficha técnica

Filme *Nenhum a menos* (Yi ge dou bu neng shao, China, 1999)
Direção: Zhang Yimou
Roteiro: Shi Xiangsheng
Fotografia: Hou Yong
Elenco: Wei Minzhi, Zhang Huike, Tian Zhenda, Gao Enman
DVD Columbia
Duração: 106 minutos

Referencias

- BAUER, Carlos & DABUL, M. R. O cinema como fonte documental em pesquisas educacionais: análise do filme "Anjos do Arrabalde", de Carlos Reichenbach. São Paulo: Dialogia, v. 7, p. 95-101, 2008.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 2ª edição. Campinas: Editora Papirus, 2001.
- _____. *A invenção do cotidiano*. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2 v., 1994.
- FERRO, MARC. *A história vigiada*. Trad. Doris Sanches Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *Cinema e história*. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. "O filme, uma contra-análise da sociedade?", in *História: novos objetos*, dir. Jacques Le Goff e Pierre Nora, 3ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988, p.201 e 202.

* Carlos Bauer é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho – PPGE/UNINOVE. E-mail: carlosbauer@pesquisador.cnpq.br